

cia. O episódio foi contado muitas outras vezes, por variados narradores: a versão de Luís Edmundo, por exemplo, é completamente diferente, embora não isente Alcindo Guanabara da acusação fundamental⁽²⁸³⁾.

O episódio que, em todas as versões, confirma em Alcindo Guanabara uma posição dolosa, poderia, inclusive, ser falso: ele, na verdade, aparece como caricatura, isto é, como desenho que realça defeitos, mas defeitos existentes, não inventados; se não tivesse ocorrido, seria verossímil. Traduziu, em termos anedóticos, uma relação real, aliás confirmada no amargo diálogo com Gilberto Amado. A importância dessa relação, que já era dominante na imprensa da fase industrial em início – e hoje é absoluta – está na singularidade da figura de Alcindo, pelo prestígio e pelo valor próprio que ostentava. Alcindo Guanabara, assim, não foi apenas pelos seus dotes profissionais um dos mais eminentes jornalistas de seu

(283) A esse respeito, M. Paulo Filho, sob pseudônimo, escreveu, no *Correio da Manhã* de 28 de janeiro de 1965, crônica em que a versão é também diferente: “A propósito, o orador (Hélio Marques) lembrou a fantasia caluniosa do curto diálogo de Alcindo Guanabara com o comendador Botelho, então gerente do *Jornal do Comércio*, cujo diretor-proprietário era José Carlos Rodrigues. (...) ‘Engenho e arte, meu caro Alcindo, alertou Botelho, para que o velho, ora no estrangeiro, se engane a si mesmo, pensando que o serviço saiu de seu próprio punho’. (...) O jornalista teria perguntado ao gerente se o artigo era *contra ou a favor de Cristo*. Contra, preço mais caro por ser assunto mais difícil num país católico. Logo a malícia venenosa propalou que em Alcindo o senso crítico era mercadoria que se pagava com dinheiro de contado. Alcindo, homem político, parlamentar e polemista em ação, tinha inimigos que não o perdoavam. Também ele e Botelho depois disso silenciaram. (...) Lauro Müller, segundo Medeiros e Albuquerque, foi quem restabeleceu a verdade em tudo isso. Explicou. Quando Alcindo indagou de Botelho se o artigo era *contra ou a favor de Cristo*, sabia bem o que perguntava. José Carlos Rodrigues tinha uma religião diferente. Não era a do Cristo dos católicos. Era anabatista, mal encarada pelos reformistas de Lutero e combatida pelos bispos de Leão X. A fé tinha de preceder ao batismo”. A 30 de janeiro de 1965, o *Correio da Manhã* publicava, sobre o mesmo assunto, carta do jornalista Fernando Segismundo a M. Paulo Filho: “Pela sua crônica de ontem e através da explanação produzida na véspera, no *plantão* da Ordem dos Velhos Jornalistas, ficamos sabendo que o episódio é verdadeiro, porém despedido da intenção indigna que lhe deram os inimigos do jornalista à época, e que a lenda, a seguir, vem projetando e deturpando cada vez mais. Alcindo, realmente, fez a famosa indagação, mas para sintonizar com José Carlos Rodrigues, que era *anabatista*. O redator queria, antes, assenhorar-se de orientação filosófica a imprimir ao trabalho. Não cuidava de pecúnia, mas da tese a veicular. ... Disse-lhe na O. V. J. e repito-o agora: para mim, descontada a questão da venalidade – que nunca apadrinhei – a versão de Lauro Müller, por V. divulgada, prova, de qualquer modo, a volubilidade, a falta de pundonor profissional, digamos assim, de Alcindo Guanabara, pois não lhe repugnava evocar um Cristo ortodoxamente católico, ou um rigidamente protestante. O fato, motivado por dinheiro ou por desejo de sintonizar com o poderoso empresário, não é singular, nem há, em consequência, por que atingar-se a memória de Alcindo. Diariamente, hoje mais do que ontem, nas redações dos jornais, das radiodifusoras, das televisões e das empresas cinematográficas, os jornalistas escrevem consoante o figurino da casa; ou então procuram outros misteres, onde a independência, a altivez que lhes vinquem a individualidade tenham ocasião de afirmar-se e revigorar-se. Jornalista é assalariado e não pode manifestar pruridos de personalismo, – salvo as raríssimas exceções à regra. Triste verdade de nosso ofício, que nós – eu, você e muitos outros – lamentamos sem poder afastar”.